



# “Deep web” Um *iceberg* on-line

A internet a que você tem acesso é só a pequena camada de um oceano profundo, com grandes vantagens e grandes riscos. É preciso saber explorá-los

Quem já mergulhou em águas profundas sabe que quanto mais se avança, maiores são as surpresas que o oceano nos reserva. Talvez por isso não seja mera coincidência o fato de que muitos termos utilizados para designar ou explicar conceitos na internet tenham uma analogia com o mar. Um grande exemplo é a “deep web”, ou web profunda, um universo on-line “onde a privacidade é muito mais importante do que a segurança”, como conceitua Jaime Orts e Lugo, presidente da Associação de Segurança de Sistemas da Informação e especialista em Segurança da Informação.

Se você nunca escutou falar em “deep web”, em sua primeira pesquisa verá logo metáforas ligadas à pesca ou a *icebergs*. O inventor do termo, Mike Bergman, explica em artigo disponível on-line, que as buscas que nós, usuários comuns,

fazemos hoje, nada mais são do que uma rede que se arrasta pelo mar em busca de peixes. Os resultados que os grandes buscadores como o Google nos oferecem são apenas a ponta do *iceberg*. A maior parte do conteúdo da internet fica escondida lá no fundo. São sites criptografados em diversos níveis e disponíveis em redes inacessíveis pelos nossos navegadores comuns.

## História

Jaime Orts ainda nos explica que a “deep web” teve início em 1995, baseada no Projeto TOR, da marinha americana: “A ideia do projeto era garantir a privacidade na navegação por meio do anonimato da conexão, ou seja, a origem, o destino e a identificação do usuário na internet seriam preservadas.”

A web profunda que conhecemos hoje está dividida em camadas, como

se fossem grandes bibliotecas, esclarece Diogo Felix, estudante e usuário. A biblioteca que conhecemos, ou a web de superfície, possui hiperlinks capazes de ser reconhecidos pelos softwares dos motores de busca. Existem, no entanto, diversas outras bibliotecas. Com conteúdos criptografados e sem indexação, elas compõem a “deep web”. Estima-se que este “ambiente” tenha em média 400 vezes o tamanho da web de superfície, de acordo com estudo de Mike Bergman. Suas páginas são mais simples do que aquelas a que temos acesso e contêm mais informações.

Que tipo de informação? Está justamente aí o ponto central de toda a discussão da “deep web”. Nela, além de os usuários não deixarem rastros, ocorre a proteção dos conteúdos, garantida pela criptografia. Por esse motivo há nesses mares uma vasta gama de conteúdo ilegal, como sites de pedofilia, venda de armas, violên-

cia explícita, pornografia, tráfico de drogas, assassinos de aluguel, terrorismo, entre outros.

O catarinense Vanderlei Jorge, autor do blog *No Sense*, explica que “o anonimato é o que garante a grupos de pedófilos, traficantes e seitas racistas (como nazistas) falarem abertamente sobre esses assuntos em fóruns na ‘deep web’”. Por essas e outras, fica claro que não é um ambiente para amadores. Existe uma verdadeira comunidade mantenedora que rastreia usuários desavisados, invadindo seus computadores e testando vírus em suas máquinas.

Usuário da “deep web”, Marcelo (que preferiu não revelar o sobrenome), estudante de farmácia, advertiu: “Parece que muitas pessoas estão curiosas, acessando a ‘deep’ [web] e aumentando o tráfego da rede. Mas muitos deles são novatos descuidados. Não é um bom lugar para entrar sem certo conhecimento”. Veja no quadro abaixo algumas dicas importantes para se proteger.

## O outro lado

Se esse mar parece estar mais para tubarões do que para peixes, neste momento você pode pegar um pouco de fôlego. A “deep web” também tem o seu lado positivo. Cidadãos

comuns, organizações não governamentais, ativistas – como o grupo Anonymous – e jornalistas utilizam a “deep web” para comunicações e articulações livres de censura.

O número de usuários em países com governos controladores, por exemplo, é grande. Entre 2010 e 2012 toda a comunicação do movimento que desencadeou a “Primavera Árabe”, que culminou com o fim de diversos regimes ditatoriais no Oriente Médio, foi feita na “deep web”. “Na China, algumas minorias perseguidas também utilizam este ambiente como um refúgio seguro para expressar suas ideias”, comenta Jaime Orts.

Uma série de empresas explora comercialmente os conteúdos submersos da internet para fornecer informações estratégicas a seus clientes, sejam eles políticos ou corporações. Uma boa parte do lado positivo parece estar ancorado em pesquisas acadêmicas, já que são as universidades as detentoras de equipamentos capazes de acessar camadas mais profundas de criptografia. O estudante Alex Gotti abordou a “deep web” em seu trabalho de conclusão de curso e ao realizar a pesquisa se animou: “Foi o único lugar em que encontrei um material bem avançado sobre programação de computadores”.

## Por onde navegar

O blog *No Sense* traz uma lista de buscadores interessantes na “deep web”. Bancos de dados, livros eletrônicos, catálogos de bibliotecas on-line podem ser encontrados na Infomine, um buscador da “deep web”. Já o Complete Planet agrupa assuntos relacionados à comida, bebidas e até mesmo meteorologia para agricultores.

Para assuntos científicos, ao acessar a “deep web” tente o buscador Scirus. Ele dá acesso a materiais, páginas e homepages de grande número de cientistas.

Para além de pontos positivos ou negativos, fica uma reflexão. Não é novidade para nenhum de nós que as grandes empresas da internet, ao rastrear o nosso acesso aos sites e nossos hábitos on-line, definem por si próprias em que padrão de público nos encontramos, tornando nossa atividade on-line estritamente ligada a interesses comerciais. A interpretação desse uso pode ser boa ou ruim dependendo das escolhas que fazemos.

## Resumindo

Navegar sem deixar rastros garante nossa privacidade e um uso sem exploração comercial dos nossos hábitos on-line, mas dificulta também a descoberta de crimes digitais, por exemplo.

Como podemos então vislumbrar o futuro da “deep web”? “O futuro da ‘deep web’ vai depender do homem encontrar o ponto de equilíbrio entre o que pode ser rastreado e que simultaneamente não fira o direito à privacidade. Há uma corrente muito forte que defende privacidade sem anonimato. São questões conceituais com as quais ainda não temos uma fórmula para lidar”, finaliza Jaime Orts. ■

## Como acessar com segurança

Navegar na “deep web” exige um pouco mais de cuidado, principalmente em relação a sua conexão com a internet. Utilize um modem 3G para evitar eventual contaminação da sua rede, mantenha o firewall, o antivírus e o seu sistema operacional devidamente atualizados. Se tiver dúvida sobre algum link ou site, não clique. Para acessar algumas camadas da “deep web” você pode fazer o download do TOR (<https://www.torproject.org>) e seguir as instruções. Pelo TOR você navegará por uma das redes da “deep web” que se chama Onion. O TOR depende de uma comunidade de usuários, todos voluntários que oferecem seus IPs (uma espécie de identidade do internauta que identifica de onde está sendo feito o acesso), para que os usuários maquiem a origem de sua conexão.